

▼  
Artur (nome fictício) anseia pelo recomeço. Fotografado nos estúdios da **SÁBADO** no passado dia 2 (sexta-feira)



BRUNO COLAÇO

FAMÍLIA: COMO A CRISE DO IMOBILIÁRIO ARRASTA OS PROCESSOS DE DIVÓRCIO

# SEPARADOS, MAS OBRIGADOS A FICAR NA MESMA CASA

Artur dorme ao lado da ex, Manuela prefere ficar na sala, Cristina e João aguardam uma proposta para venderem o T3 e Isabel tem de pôr cadeados nas caixas da sua comida. Relatos de quem não consegue recomeçar por causa dos preços na habitação. Por **Raquel Lito**

**P**artilhar a cama com a ex-mulher é um dos piores momentos do seu dia.

Para tentar adormecer de pressa, depois de deitar o filho de 6 anos, Artur (nome fictício) pratica meditação. Mesmo assim, confessa que esta é a altura do dia em que se sente mais sozinho. Porque com a ex tem uma relação meramente funcional desde há quatro anos. Intimidade? Zero. Manifestações de afeto? Perderam-se há muito. Num casamento de 16 anos, em regime de comunhão de adquiridos, Artur tem tentado, sem sucesso, avançar para o divórcio amigável. O que implicaria duas casas e despesas acrescidas, mas, com a constante subida dos preços do imobiliário, o recomeço tem sido adiado.

“Quando falei do assunto à minha mulher, pela primeira vez, há três anos, disse-lhe que estava farto, que queria comprar uma casa e ter guarda partilhada. Ela ficou em silêncio”, conta o próprio à **SÁBADO**. A ausência de reação por parte dela provocou nele uma ansiedade tal que, durante 14 dias, passou parte das noites em branco.

Deitava-se às 22h, como sempre, e acordava às 3h com um só pensamento: sair. Chegou a fazê-lo, para praticar corrida ao ar livre. “Parecia um fantasma nas ruas da cidade”, recorda. Voltava uma hora depois, cansado e ansioso na mesma. As conversas com a (ainda) mulher repetiram-se, por sete vezes, sempre por iniciativa dele, de modo mais cordial mas sem efeitos práticos.

O que os mantém no mesmo teto é o miúdo – “que acaba por trazer alguma alegria e algum nexo entre todos”, confessa – e a impossibilidade de terem uma habitação para cada um. Moram na Amadora, numa urbanização com 20 anos, no seu T2 de 80 m<sup>2</sup>.

Por aconselhamento jurídico, Artur começou a procurar casa para arrendar. Isto porque se a separação fosse efetiva, segundo a advogada o processo de divórcio e o pedido de guarda partilhada no tribunal de família seriam mais céleres. O problema são os preços. É que percebeu que só conseguiria suportar a renda de um T1 a 900 euros “muito velho e sem condições para ter o

## Preços

No terceiro trimestre de 2023, os preços das habitações aumentaram 10% (€1.641/m<sup>2</sup>), ao nível nacional, face ao período homólogo do ano anterior, segundo os últimos dados do Instituto Nacional de Estatística (INE)

**ARTUR COMEÇOU A FALAR DE SEPARAÇÃO COM A MULHER HÁ TRÊS ANOS. ELA FICOU EM SILÊNCIO**

miúdo”. Artur nem é dos portugueses que está em pior situação financeira, pelo contrário: enquanto analista financeiro, aos 49 anos ganha €2.000 líquidos por mês, dos quais €500 são para a prestação da casa paga ao banco (aumentou €100 pelo agravamento das taxas de juro).

Resta-lhe insistir com a mulher, calmamente, e ter ânimo para que cheguem a acordo quanto à habitação, ou seja, um deles vender a sua parte ao outro. Artur está disposto a sair e a pagar metade do imóvel, que deverá valer cerca de 250 mil euros, mas assegura que não abdica da guarda partilhada. “Terrei de usar grande parte do valor que ela me vai dar pela minha parte para dar de entrada numa outra casa, naquela zona para estar perto do meu filho. Custam o dobro de quando comprei, em 2005.”

Neste processo, recorreu a apoio especializado com a psicóloga clínica Isa Silvestre, que considera a crise da habitação prejudicial para a tomada de decisão de Artur. “Tem sido um impedimento para a liberdade emocional desta pes- **D**

soa”, começa por dizer a terapeuta à **SÁBADO**. O impasse gera-lhe insegurança, prossegue a especialista: “Muitas vezes não se vê como suficientemente competente, seja profissionalmente, seja na relação com o filho ou na relação com outras pessoas. Com esta crise não consegue tomar uma decisão por ele próprio.” Contudo, a procura de casa é um passo positivo, avalia Isa Silvestre, porque representa “um plano de ação para concretizar o objetivo dele”.

#### “Tudo conspira contra”

Noite após noite, pelas 21h40, a sala do T1 no Lumiar converte-se em quarto para os três irmãos menores e para a mãe, desempregada, de 42 anos, Manuela (nome fictício). A filha mais velha deita-se num colchão, os restantes num beliche, Manuela na *chaise-longue*, o marido no quarto.

Desde há um ano e oito meses que a vida conjugal entre Manuela e o marido é inexistente, precisamente por não chegarem a um entendimento quanto à falta de espaço (vivem em 65 m<sup>2</sup>, mais um cão). “Ando na luta para comprar uma casa maior e ele não quer, porque acha os *spreads* e os juros exorbitantes e tem medo de não conseguir pagar. O meu marido não é má pessoa, só teimoso”, diz ela à **SÁBADO**. Faz uma pausa, emocionada e retoma: “Tudo conspira contra, quando a pessoa decide ficar só. A economia estrangula. Dá vontade de ficar quietinha.”

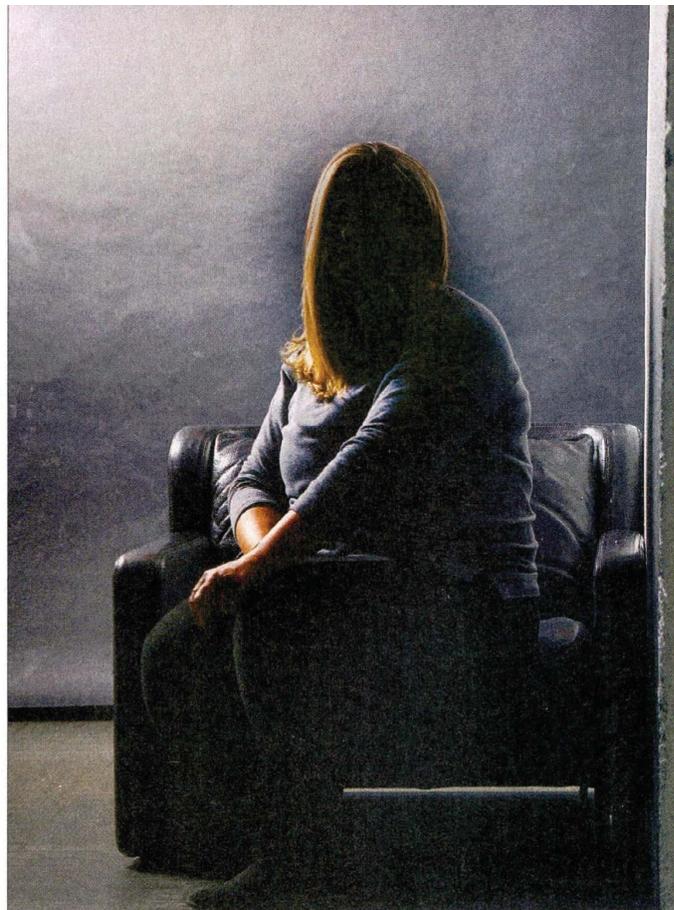
Mas não desiste. Em julho de 2023, avançou para o divórcio litigioso, embora ressalve que a convivência familiar é pacífica. “Tentamos fazer o melhor possível pelas crianças.” Ainda assim, Manuela, com dupla nacionalidade (luso-brasileira) sente-se cada vez mais infeliz e sugeriu-lhe que fizessem terapia de casal, sem efeito. A solução passa, em seu entender, pela guarda partilhada das crianças em duas casas (ambas em nome dele) e ele recusa desfazer-se dos apartamentos.

Manuela já sugeriu que o T1, onde vivem, ficasse para ele e que ela se mudasse para outro imóvel,

Manuela (nome fictício) está decidida a divorciar-se e dorme na sala

“DIFICILMENTE TEREI CAPACIDADE DE PAGAR UMA RENDA, MUITO MENOS COMPRAR CASA”, DIZ MANUELA

A psicóloga Isa Silvestre acompanha Artur: “O preço das casas tem sido um impedimento para a sua liberdade emocional”



T2, em Loures, no momento arrendado a uma família a preço acessível (500 euros). “Ele não aceita a separação, acredita que esta frustração vai passar. Eu precisava de um advogado mais experiente

nestas situações de família, porque não posso voltar ao Brasil pelos meus filhos serem nacionais. Sinto-me presa”, desabafa.

Em breve terá alguma independência financeira, mas pouca, já





VITOR MOTA

## Recomeço por etapas

O *coach* Eduardo Reis Torgal faz algumas recomendações

### Passo 1

#### Desconstruir

A identidade que se forma à volta da relação (por exemplo, com rotinas) tem de ser transformada

### Passo 2

#### Construir

Inicia-se a nova identidade, após o conflito aberto e a separação para que a pessoa não se sinta esvaziada

### Passo 3

#### Mudança

Faz-se com novos hábitos, como a prática de desporto

que se prepara para voltar ao mercado de trabalho no ramo da estética. “Dificilmente terei capacidade para pagar uma renda, muito me-

nos comprar uma casa”, diz. E prossegue: “Numa venda de imóvel perderia dinheiro, pagaria mais-valias, custos de todo processo e infelizmente nenhum banco daria empréstimo. Depois de um divórcio com partilhas, leva-se, pelo menos, dois a cinco anos para recompor a estabilidade.”

Ativista pelo direito à habitação desde 2005, Rita Silva cruzou-se algumas vezes com pessoas em circunstâncias idênticas à de Manuela. Falavam-lhe de “sufoco” por continuarem a viver debaixo do mesmo teto “uma relação que já tinha acabado e precisava de espaço e tempo para sarar”. Há quem perpetue a situação, normalize a ausência de intimidade. “Uns utilizam a cozinha a horas determinadas. Não havendo resposta social nem habitação social, não vão para lado nenhum. Faz com que se sintam desprotegidos”, diz a também investigadora do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra, especializada em Economia Política. A curto prazo, recomenda que as rendas sejam

## A INVESTIGADORA RITA SILVA OUVI QUEIXAS DE PESSOAS QUE SENTEM “SUFOCO” COM ESTA SITUAÇÃO

## 26

### mil casas

é o número previsto de construção para a habitação social, até 2026, com fundos do Plano de Recuperação e Resiliência



## Emoções

“É importante que as as pessoas tenham capacidade de se restabelecer emocionalmente”, diz Eduardo Reis Torgal

## JOÃO E CRISTINA DORMEM EM QUARTOS SEPARADOS E SÓ TÊM UM MOMENTO JUNTOS PELO FILHO: O JANTAR

reguladas (de acordo com os rendimentos de trabalho dos portugueses), porque a construção nova a preços controlados, embora prevista, leva o seu tempo.

### Juntos até venderem a casa?

Separados há sete meses, João e Cristina tentam gerir da melhor maneira a coabitação para minimizar o impacto nos filhos, de 3 e 8 anos. Não partilham o quarto, nem as tarefas domésticas, só têm um momento juntos: a hora do jantar. “Inicialmente não foi nada fácil”, diz à **SÁBADO** Cristina, de 43 anos, gestora comercial. O marido, de 48, informático, conta que a reação dos pais e dos sogros não foi logo de aceitação: “Agora sentem que não há volta a dar e já começam a dizer que o melhor é estarmos bem e cuidarmos dos meninos.”

Vivem num T3 em Oeiras – uma das zonas mais procuradas na Grande Lisboa, cujo preço médio é de €3.216/m<sup>2</sup>, de acordo com o INE – e colocaram-no à venda em julho de 2023, por altura da separação, por 700 mil euros. Receberam visitas, houve interessados, mas no momento da avaliação ou no banco o processo parava. Possivelmente pelo preço estar acima do valor da casa, baixaram então para 650 mil euros. Enquanto aguardam por uma boa proposta de compra (até porque ainda devem 70% do valor do empréstimo ao banco) pensam avançar para o divórcio amigável nos próximos meses. O ideal seria após a venda da casa, dizem.

Cristina refere a intenção de “seguir em frente”, João mostra-se mais tranquilo e sociável, pratica padel e foca-se na profissão. Para acabarem os gritos, o conflito aberto dos primeiros tempos de separação muito contribuiu a ajuda especializada do *coach* Eduardo Reis Torgal. João foi o primeiro a pedir-lhe ajuda. “Chegou com raiva e culpa”, recorda o especialista, que trabalhou com ele a nova identidade pós-casamento. “Ele começou a chegar a casa com uma nova atitude e ela ficou sur-

preendida. A partir de novembro passaram a vir os dois, para tratar das questões de parentalidade”, esclarece.

Martim não consegue mudar de casa, apesar da relação com a mulher ter terminado. Tenta conviver o mínimo possível com a ex e refugia-se no quarto — o apartamento tem três. “É lá que passo a maior parte do tempo, onde vejo TV.” A paixão entre os dois desapareceu há quatro anos, eram simplesmente dois amigos com um filho em comum (agora com 10 anos). Martim assume à SÁBADO a dificuldade em se mentalizarem para o divórcio: “A relação estava muito má, há muito tempo, fomos adiando o inevitável. Só há cerca de um mês começamos a preparar os documentos.”

#### Caixas a cadeado

Na demora pesaram, sobretudo, as questões patrimoniais. Aos 41 anos, Martim sairá do T3 no Porto, onde estão, arrendará um T2 próximo do filho. Mas para o conseguir fazer terá de dividir a renda com a atual namorada. Com um ordenado de €1.200 brutos, a trabalhar como técnico de elevadores, só pode despende de 400 euros. “Encontrámos um apartamento por 700 euros.”



RICARDO MERELES

A “ex” ficará na casa e assumirá o empréstimo ao banco na totalidade, porque recebeu ajuda dos pais. Ele receberá umas pequenas tornas [retribuição monetária fruto do processo de divórcio], cruciais para a próxima etapa. Até lá coabitam com a máxima distância: o filho escolhe com qual dos dois faz a refeição e as compras acontecem em separado.

A advogada que acompanha o caso, Joana Duarte (da firma Dantas Rodrigues e Associados) prevê que o processo ainda demore dois a três meses. “Porque o acordo das responsabilidades parentais tem de ir ao Ministério Público para validação.” Sobre a casa do casal, explica que vale 225 mil euros, mas devendo

A advogada Joana Duarte conta que o cliente Martim demorou a avançar para divórcio por questões patrimoniais

**ISABEL GUARDA OS ALIMENTOS EM CAIXAS COM CADEADOS PORQUE O MARIDO COME TUDO O QUE VÊ NO FRIGORÍFICO**

#### Ansiosa de início

O advogado de Isabel explica o processo à SÁBADO

**Frederico** Marcos Assunção, especializado em Direito da Família, acredita que o tempo ajuda “a trazer alguma tranquilidade dentro da situação **anómala** que vivem”. A sua cliente ainda procurou arrendar, mas face aos preços “percebeu que teria de vender primeiro a casa para sair”. Como o marido não aceita o divórcio, avançará para o litígio.

ao banco 145 mil euros, sobram 80 mil para eles.

No caso de Isabel a convivência é ainda mais intolerável do que no divórcio de Martim. A relação terminou sem uma réstia de cordialidade e apesar de ainda partilharem um teto, nem se falam. Aliás, no frigorífico, Isabel vê-se obrigada a guardar os alimentos em caixas com cadeado “porque ele tinha o hábito de comer tudo o que lá se encontrava, mesmo sendo eu a comprar”, justifica. Desde há um ano que o casamento de longa data (25 anos) acabou, sem hipótese de retorno para ela. “Quando estou em casa, salvo nos momentos em que vou à cozinha ou ao WC, tranco-me no quarto de forma a evitar cruzar-me com ele.”

Felizmente, a dívida ao banco já não se coloca porque ao longo dos anos foram abatendo no empréstimo, do T2 no Seixal, até ficar totalmente liquidado. “Fomos felizes, mas desde há uns cinco ou seis anos a situação começou a ficar insustentável para mim. Ele não me ajuda em nada, aguentei até conseguir”, diz Isabel à SÁBADO. Requereu o divórcio e a atribuição provisória da casa, até que consigam vendê-la, com o apoio jurídico da Dantas Rodrigues. “Não temos filhos, um T1 servirá para mim.” O processo aguarda agora julgamento. E Isabel continua a viver como uma estranha dentro da própria casa à espera de conseguir refazer a vida. ■



A investigadora Rita Silva diz que as pessoas nestas circunstâncias se sentem desprotegidas

VICTOR MOTA